

e da vida nas províncias. Contudo, a despeito de sua insularidade, alcançou o mesmo um extraordinário nível cultural, principalmente quando o comparamos com o sombrio estado da Europa daquele tempo.

Ivan Morris baseia também o seu estudo em muitas outras fontes, inclusive em trabalhos de ficção, diários elaborados pelas damas da côrte, e, o que é mais importante ainda, no *Makura no Sôshi* ("O Livro da Almofada"), de Sei Shonagon, que, além de ser uma pequena obra-prima literária, é a nossa principal fonte documental sôbre a vida diária na capital. Utilizou-se também das crônicas e dos diários dos nobres do tempo, flagrantemente calcados em modelos chineses. Assim informado, oferece Mr. Morris aos especialistas em cultura japonesa um quadro realista da política, religião, estética e ética da sociedade de Heian.

Em síntese, *The World of the Shining Prince* torna acessível e real uma das mais brilhantes civilizações da História, até agora apenas vislumbrada pelos leitores ocidentais do *Genji-Monogatari*.

CARLOS ALBERTO NARDY

\* \*  
\*

LOMBARD (Maurice). — *L'Islam dans sa première grandeur (VIIIe-XIe siècle)*. Paris. Flammarion. 1971. 246 págs. e um quadro sinótico das dinastias mulmanas.

Na advertência inicial do volume (integrado na *Nouvelle Bibliothèque Scientifique* dirigida por Fernand Braudel), somos informados tratar-se de obra póstuma, em que se encontram expressas idéias professadas por Maurice Lombard em cursos pronunciados na *École Pratique des Hautes Études* e na *École Normale Supérieure*, entre 1957 e 1960. Acrescentam os editôres, ainda, a seguinte observação: "Il ne s'agit pas d'un oeuvre dont Maurice Lombard a pu voir la forme définitive. Le lecteur voudra bien s'en souvenir".

Ora, chegamos a ficar em dúvida, acêrca dos inconvenientes desta circunstância para o aspecto assumido pelo volume. De fato, partindo de aulas, com o recurso — inclusive — a notas de estudantes, "para completar algumas lacunas do texto" (cf. observação final à pág. 240), chegaram os editôres a um trabalho extremamente didático, de leitura agradável pela clareza e concisão do estilo. O que — certamente — se perdeu em maior erudição que lhe teria atribuído o autor, se pudesse levá-lo à sua versão última, ganhou-se em vivacidade e espontaneidade. Assim sendo, tanto professôres como principiantes no estudo da matéria poderão, cada um a seu modo, tirar grande proveito do volume em causa.

O Islam em sua primeira grandeza integra-se na fase marcadamente oriental da Idade Média, precedendo imediatamente o despertar do Ocidente, que levaria a uma reviravolta, como gráficamente se demonstra à pág. 238. Tal fato já é signi-

ficativo: o gráfico final liga-se às primeiras linhas da introdução, o que denuncia o rigor, a ordem, o método na elaboração. Estes traços, é verdade, estão sempre presentes, a despeito da diversidade da matéria tratada, pois é o mundo muçulmano, visto em todos os seus cenários, preferencialmente de um ângulo econômico, que temos aqui.

Principiamos com um retrospecto da conquista em que, ao mesmo tempo, se articula o fenômeno árabe com o seu mundo contemporâneo, bizantino, sassânida ou magrebino. Sublinhando o caráter não destrutivo da conquista, sob a qual se manteve a ordem pré-existente, parte o Autor (mais uma vez, pois já o fizera antes), para a refutação da tese de H. Pirenne, como se vê: “c'est, pensons nous, grâce à la conquête musulmane que l'Occident a repris contact avec les civilisations orientales et, à travers elles, avec les grands mouvements mondiaux de commerce et de culture. Alors que les grandes invasions barbares des IV<sup>e</sup> et V<sup>e</sup> siècles avaient entraîné la régression économique de l'Occident mérovingien puis carolingien, la création du nouvel empire islamique entraîne, pour ce meme Occident un étonnant développement. Si les invasions germaniques ont précipité de déclin de l'Occident, les invasions musulmanes ont provoqué la relance de sa civilisation. Bref, le problème, posé en Occident à propos de l'arrivée des Barbares, de la continuité ou de la régression économique, doit être tranché, dans le cas de la conquête arabe et sur l'ensemble du domaine musulman, par l'affirmation, non seulement de toute absence de coupure, mais, plus encore, d'un prodigieux essor (pág. 11)”.

A idéia da continuidade histórica, aliás, parece ser a dominante no trabalho, não se perdendo qualquer oportunidade para afirmá-la, e da mais ampla forma possível. Assim é que, já a propósito dos levantinos, então designados por *Syri*, lembram-se seus predecessores fenícios (pág. 14), cujos portos, por sua vez, serviram em seguida aos helenísticos, romanos, bizantinos, até chegar aos muçulmanos (pág. 31); a iranisação dos árabes sugere a continuidade persa, testemunhada pela língua (pág. 34), e a própria persistência do púnico e do latim na África do Norte (pág. 58) tende a ressaltar sempre o engano das crenças em rupturas bruscas.

Além da continuidade, relações cada vez mais intensas entre elementos das mais diversas procedências fazem do Islam, inclusive, um instrumento de ligação de “dois grandes domínios econômicos: o do Oceano Índico e o do Mediterrâneo. Reunidos na época helenística, separados em seguida em dois mundos rivais — romano-bizantino e pártico-sassânida — estes dois domínios vão novamente fundir-se, graças à conquista muçulmana, num nôvo e imenso domínio econômico (págs. 15-16)”. Significativo, a tal respeito, é o caso do Egito: desprovido de ferro, recorre, para armar-se, tanto à importação de espadas da Índia como de espadas francas (chamadas de *Firanga*) (pág. 25).

Naturalmente, neste imenso complexo de relações, as cidades têm um papel primordial, constituindo-se numa rede comparável à ossatura do mundo muçulmano, bem como a um circuito das grandes correntes de civilização. Para o Autor, este florescimento urbano, até agora não suficientemente estudado, ultrapassa de muito o próprio movimento urbano do Império Romano. E o Prof. Lombard, que pro-

fessou curso na nossa Faculdade em 1954, lembra-se de São Paulo, "la ville qui croissait le plus vite du monde", para compará-la com Bagdá, cujo ritmo de crescimento foi superior até mesmo ao paulistano (pág. 121).

A título de informação, segue a distribuição da matéria no volume: a). — Aspecto territorial: a região dos istmes, o mundo iraniano, o Ocidente muçulmano; b). — Aspecto lingüístico; c). — Moedas e cidades: problemas monetários, o surto urbano, a organização do trabalho e os movimentos sociais; d). — As trocas: a produção e objetos de comércio, as relações comerciais e seus intermediários judeus, cristãos e muçulmanos.

PEDRO MOACIR CAMPOS

\* \*  
\*

HEERS (Jacques). — *Gênes au XVe siècle (Civilisation méditerranéenne, grand capitalisme, et capitalisme populaire)*. Flammarion, 1971. 437 pp. 16 gráficos e mapas.

Trata-se de um resumo de sua tese de doutoramento, cujo texto integral foi publicado pelo *Centre de Recherches Historiques (École Pratique des Hautes Études. VIe Section)* com o título de *Gênes au XVe siècle. Activité économique et problèmes sociaux* (Paris, S.E.V.P.E.N., 1961).

Neste trabalho Jacques Heers procura mostrar como Gênova, cidade que se "lança ao mar", possuía no fim da Idade Média estranhas fortunas. Seus mercadores freqüentavam as mais longíquas rotas da Ásia e mantinha, até no Mar Negro, feitorias e impérios coloniais aventuradas nos limites do mundo cristão. No entanto, ela sempre se mostrou impotente, mesmo na Itália, para dominar os seus próprios vizinhos, senhores turbulentos que, constantemente, ameaçavam suas rotas e sua segurança; foi incapaz de construir um Estado. Seus mercadores não compravam terras no campo, nele não faziam os homens trabalhar. A cidade, sem dúvida a mais mediterrânea do Ocidente, em suma não era mais do que um *ghetto* que vivia de longínquas cumplicidades, que enriquecia-se pelo mar e por todos os tráficos sutis do dinheiro. Cidade moderna já nessa época, marcada pela ascensão do grande capitalismo — muitas vezes capitalismo popular —, sempre omnipresente, triunfante; cidade também que sempre estava em busca de um difícil equilíbrio social e político; a mais turbulenta das cidades dessa Itália instável, por isso mesmo a mais atraente para a história das sociedades.

E. S. P.

\* \*  
\*